

Cinema atrai novos investidores

The Economist

A julgar pelo número de vezes que foram sentimentalmente lembradas pelos vencedores do Oscar deste ano, as pessoas que financiam o cinema são hoje mais importantes que Deus. Os investidores certamente estão onipresentes em Hollywood. Se tudo ocorrer conforme planejado, eles em breve terão ressuscitado o estúdio United Artists, que havia fechado as portas, e a carreira de Tom Cruise, um astro com um problema de imagem junto ao público. Esses são apenas alguns sinais entre muitos, de como o dinheiro de fora de Hollywood está mudando a indústria do cinema.

O cinema sempre foi, por tradição, um bom negócio e um mau investimento. A máquina de sonhos sempre foi azeitada por fontes tão variadas como os incorporadores imobiliários, alemães avessos aos impostos e até a Igreja Batista. Mas os retornos normalmente são desapontadores. Os riscos envolvidos na indústria do cinema são uma das razões; outra são as práticas contábeis dos estúdios que, até recentemente, tinham tantos efeitos especiais quanto os filmes que eles produziam.

A necessidade de muito dinheiro mudou isso. Os grandes estúdios agora gastam em média mais de US\$ 100 milhões na produção e venda de cada filme. Liderados pela Disney, eles estão reduzindo o número de filmes que produzem, o que torna suas apostas ainda mais arriscadas. As controladoras corporativas dos estúdios iriam preferir isso se suas demonstrações financeiras fossem um pouco menos misteriosas. Daí a nova atitude, mais aberta e honesta, em relação aos investidores privados. Nos últimos anos, os grandes estúdios vêm encorajando os fundos de hedge e outros investidores a bancarem uma "lista" de várias dezenas de filmes. Os financistas não podem colocar as mãos em sucessos garantidos, como "Harry Potter" ou "O Homem Aranha", mas eles ainda acham essas listas de filmes menos arriscadas e mais atraentes do que filmes individuais. Em setembro, a Merrill Lynch estimou que os forasteiros estão cobrindo mais de 30% dos custos da produção cinematográfica.

Uma consequência é que Wall Street agora sabe muito mais sobre como o negócio do cinema funciona. Em vez de bancar qualquer filme lançado por um estúdio, eles estão investindo em produtores de sucesso. Michael London, especializado em dramas familiares, e Joel Silver, que é especialmente bom em explodir coisas, estão entre os beneficiados recentes.

Segundo se comenta no ramo, vários outros negócios do tipo estariam sendo orquestrados e o ritmo poderá se intensificar se o JP Morgan prosseguir com seu plano de criar um braço de financiamento cinematográfico.

Isso está mudando a curva das carreiras em Hollywood. Não muito tempo atrás, aos produtores e astros do cinema que brigavam com os chefões dos estúdios só restava a aposentadoria ou se dedicarem a livros com títulos como "You'll Never Eat Lunch in This Town Again" (algo como "Você Nunca Mais Vai Ter Onde Comer Nesta Cidade"). Hoje, eles reúnem alguns investidores de private equity e voltam ao trabalho. Graças ao Goldman Sachs, Bob e Harvey Weinstein puderam montar um novo estúdio cinematográfico apenas dois meses depois de terem deixado, furiosos, a Disney em 2005.

Tom Cruise e Paula Wagner, sua produtora, estavam conversando com investidores antes mesmo da Paramount Picture ter dispensado os dois no ano passado. A MGM, cuja maior fatia de seu capital é controlada pela Providence Equity Partners, rapidamente lhes deu abrigo. Ela está tentando levantar cerca de US\$ 500 milhões para bancar a produção de quatro a seis filmes por ano. Se o negócio der certo, a United Artists, uma legenda moribunda controlada pela MGM, retornará às suas raízes da época do cinema mudo, quando era um estúdio gerido pelo talento.

Embora os grandes nomes recebam a maior parte das atenções, o dinheiro de Wall Street também está agitando o negócio da produção cinematográfica independente. Os investidores perceberam que sucessos baratos como "Little Miss Sunshine" podem ser altamente lucrativos. E debaixo de sua carapaça audaciosa, essas empresas são obcecadas com o controle de

custos. Jim Stern, um ex-gerente de fundos que levantou dinheiro suficiente para começar a produzir filmes, afirma que pode "superar" os grandes estúdios fazendo filmes por valores que vão de US\$ 20 milhões a US\$ 35 milhões.

Ao mesmo tempo, um dos problemas para os investidores é que o negócio do cinema é imprevisível. Quem poderia imaginar, por exemplo, que os americanos gastariam aproximadamente US\$ 70 milhões em apenas três dias para assistir a "300", um filme que não recebeu boas críticas e que tem como astro um guerreiro espartano com sotaque escocês? Ninguém, talvez - mas um estúdio como a Warner, que produziu o filme, provavelmente tinha uma chance melhor que um gerente de fundo de hedge. O dinheiro novo está transformando Hollywood, mas a memória institucional será sempre importante. (Tradução de Mario Zamarian)

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 19 de mar. 2007. Empresas / Varejo, p. B4.